



45 ANOS DE CADERNOS DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS: UMA ENTREVISTA A ELEONORA CAVALCANTE ALBANO

Por Aquiles Tescari Neto e Karin Vivanco (Editores)

Para comemorar os 45 anos da revista “Cadernos de Estudos Linguísticos”, convidamos alguns dos editores anteriores que, durante o tempo em que estiveram à frente dos trabalhos de nossa revista, contribuíram substancialmente! Os editores temos o prazer, então, de entrevistar agora a professora Eleonora Cavalcante Albano, titular aposentada do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas.

Conforme informado em seu curriculum lattes, a professora Eleonora graduou-se em Psicologia pela UFRJ, onde também obteve o título de mestre em Linguística. O doutorado, também em Linguística, foi feito na Brown University, nos EUA. Na sequência, a professora Eleonora obteve o título de livre-docência em Psicolinguística pela Unicamp. A professora tem um pós-doutorado em Epistemologia Comparada pelo Collège de France. Fez também um estágio na Bell Telephone Laboratories.

Albano, conforme informado em seu lattes, “[i]ntroduziu a perspectiva laboratorial no Brasil e formou a maioria dos quadros que nela atuam hoje.” A professora é autora de um conjunto de importantes artigos, capítulos de livros e livros e é pesquisadora do CNPq.

Para nós, editores da CEL, é um privilégio — ao comemorar os 45 anos de nossa revista — entrevistar a colega Eleonora, que tanta contribuição trouxe à CEL quando esteve, entre os anos de 1993 e 2004, à frente da revista. A professora Eleonora tem o reconhecimento dos pares tanto dentro quanto fora do Brasil.

Professora Eleonora, agradecemos de coração esta oportunidade ímpar! Brindamos, agora, os leitores da CEL com a sua entrevista.

Editores CEL: *Para iniciar, gostaríamos que você nos contasse como foi a sua experiência inicial na equipe editorial da “Cadernos de Estudos Linguísticos” entre os anos de 1993 e 2004. Seria possível trazer, aos nossos leitores, algumas das suas experiências, dificuldades e também conquistas no papel de editora naquele período?*

Refiro os leitores, então, à apresentação que escrevi para o no. 24, que marcou a passagem da editoria das mãos do João Wanderley Geraldi para as minhas.

Ali dei um apanhado da saga de dar corpo à CEL, dadas as dificuldades materiais e políticas dos anos 1970-1980. Para construir essa narrativa, conversei com todos os membros do Conselho editorial e, em especial, com Rodolfo Ilari e Wanderley. O resultado está na capa da revista: **15 anos de Cadernos – um trabalho de João Wanderley Geraldi.**

Eis um trecho da *Apresentação*, que exprime bem o espírito da época:

“Uma pequena novidade que estou tentando implantar é a publicação regular de originais de visitantes de qualquer época em qualquer das seguintes línguas: inglês, francês, espanhol e italiano.

Presenças maciças nas bibliografias dos cursos, teses e artigos do Departamento, essas línguas podem ser contadas como lidas pela maioria dos docentes e alunos. A sua utilização mais frequente agilizará, a meu ver, a circulação das ideias veiculadas pelos visitantes, sem interferir com o escoamento normal dos textos dos colegas daqui, quase sempre submetidos em português. Por outro lado, seremos às vezes brindados com belos exercícios de estilo de colegas plurilíngues (V. o artigo de Rajagopalan neste número).

Evidentemente, estou contando com a boa vontade dos colegas fluentes nessas línguas (que em geral são também os que encaminham os textos) para auxiliar na revisão e correção.

Mas estou contando sobretudo com a excelente infraestrutura deixada pelo Wanderley, Para quem não sabe, Cadernos já foi composta numa Olivetti portátil que ele trouxe de casa. As publicações dos três Departamentos não faziam parte do orçamento do Instituto. O Setor não tinha sala, funcionários, equipamento, papel. Durante muito tempo, a sua sede não foi senão a mesa do Wanderley.”

Ao final do número, há um conciso relatório de gestão do primeiro editor, que vale a pena conferir.

Editores CEL: Ao longo desses 45 anos de história, houve, sem dúvidas, intensa contribuição da revista aos estudos linguísticos. Em linhas bem gerais, quais as contribuições mais notáveis — em sentido geral — de um periódico como a CEL aos estudos linguísticos?

Aqui, basta destacar dois pontos: diversidade teórica e valorização da produção acadêmica artesanal.

Não sei se naquele tempo tínhamos mais divergências teóricas do que hoje. Só sei que elas eram debatidas de forma olímpica – no melhor sentido, i.e., sem pretensão ou soberba. Se o DL promovia um seminário, a maioria dos docentes comparecia e ficava até o fim. Estávamos orgulhosos de constituir um time de desbravadores da pesquisa linguística no Brasil.

Assim, podíamos nos dar ao luxo de polemizar sem nos armar uns contra os outros. A minha editoria tratou apenas de fazer a revista refletir a pluralidade do departamento e da sua rede de relações no Brasil e no exterior.

As submissões normalmente vinham de colegas que liam e apreciavam a revista. Muitas/os delas/es tinham uma preocupação consistente com as questões epistemológicas e/ou teóricas de suas áreas. Outras/os exerciam a pesquisa empírica, baseando-se geralmente em métodos qualitativos ou semiquantitativos – do estudo de caso aos grandes inquéritos sobre oralidade e escrita (do português ou de outras línguas).

A estatística estava longe de ser um modismo. Era apenas uma ferramenta, usada com moderação, notadamente por foneticistas, sociolinguistas ou psicolinguistas.

Editores CEL: Hoje, a realidade editorial nacional é bastante distinta da que tínhamos em 1978, quando ainda contávamos com pouquíssimos periódicos na área de Letras e

Linguística. Como você avalia a situação (e a participação) de revistas mais tradicionais de Linguística — como é o caso da CEL — diante de um cenário em que há um número considerável de revistas de Linguística, praticamente na mesma proporção de programas de pós-graduação da área?

É simples. O produtivismo ainda não tinha contaminado a academia brasileira. Depois, invadiu-a devagarinho, pelo flanco das ciências duras.

Alguns dos nossos já começavam a se incomodar com esses novos ventos: trataram de buscar vias outras que o departamento para escoar a produção dos seus grupos de pesquisa. Assim, paulatinamente, surgiu no DL uma desagradável competição tácita. O meu principal recurso contra isso era a cantina: no papo do café conseguia facilmente convencer as/os colegas a organizar o número temático da sua preferência. Graças à disposição e diligência de todas/os e à nossa tradição consolidada de avaliação criteriosa – sem a hipocrisia de práticas tais como o duplo-cego –, CEL não teve dificuldade de fazer face às “rivais” – que pipocavam na mesma taxa exponencial dos programas de pós-graduação.

Editores CEL: *A CEL se notabiliza por ser um periódico de Linguística Geral, trazendo, ao público leitor, artigos das mais diversas áreas dos estudos linguísticos. Havia, na época em que a CEL foi fundada, uma tendência aparentemente maior em valorizar o pluralismo teórico no campo dos estudos linguísticos. Como você olha para um periódico plural, como a CEL, hoje?*

Vejo-o com a mesma esperança do passado.

Quero crer que os modismos passarão e as construções sólidas ficarão. Mas não sei prever em quanto tempo. Só sei que a academia vai ter que se rebelar contra os mitos do neoliberalismo. Um dos mais nocivos é o da necessidade de crescente especialização.

Editores CEL: *Olhando para o futuro, como você vê a participação da CEL na produção de conhecimento no campo dos estudos linguísticos?*

Se as próximas editorias aderirem à luta contra a mercantilização da ciência, essa produção pode ser uma importante força descolonizadora, contribuindo para a democratização do saber em geral. Mas, antes, será preciso lutar por condições de produção dignas.

Ante a carga horária pesada e a reposição precária dos quadros docentes, quem é que vai achar tempo para se reunir e encarar essa discussão?

Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, 19 de setembro de 2023.